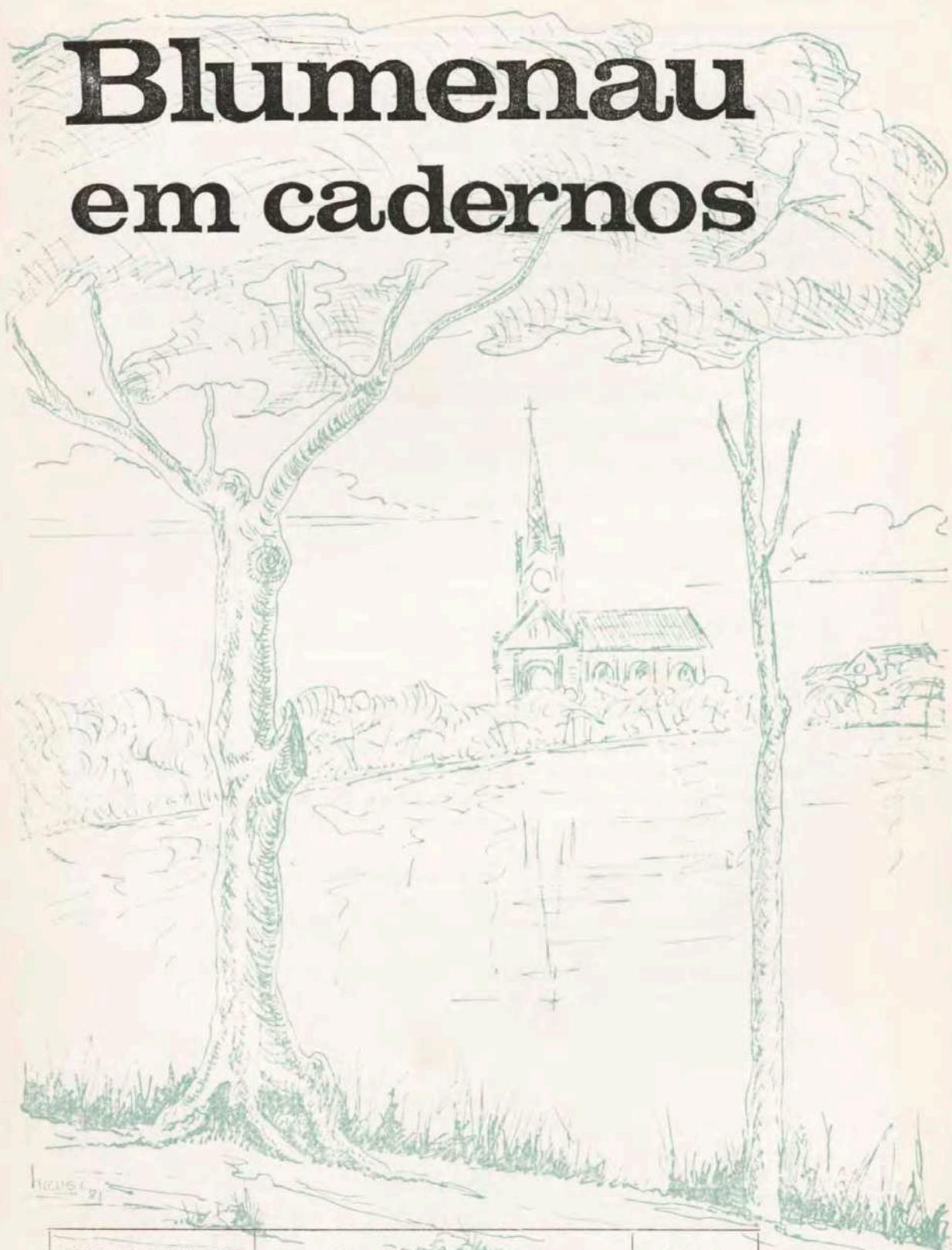


Blumenau em cadernos



TOMO XXVIII

Fevereiro de 1987

Nº 2

ILUSTRAÇÃO
WILSON
HEUSI - 21

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

TECELAGEM KUEHNRIK S. A.
COMPANHIA HERING
COMPANHIA TEXTIL KARSTEN
MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.
CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.
SUL FABRIL S/A.
EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE
LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

CASA WILLY SIEVERT S.A. Comercial
TECELAGEM KUEHNRIK S. A.
DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
MOELLMANN COMERCIAL S.A.
TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.
BUSCHLE & LEPPER S.A.
CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.
JOÃO FELIX HAUER
MADEIREIRA ODEBRECHT
LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS
MÓVEIS ROSSMARK S.A.
ARTUR FOUQUET
JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
PAUL FRITZ KUEHNRIK
CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVIII

Fevereiro de 1987

N.º 2

SUMÁRIO

Página

A História de Blumenau na Correspondência dos Imigrantes	38
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	42
Subsídios Históricos — Coordenação e trad.: Rosa Herkenhoff	43
Professor Max Humpl deixou com seu diário, muitos lances da história da colonização de Blumenau e seu desenvolvi- mento	45
Relatório sobre os escolas dos tirolezes na paróquia de Rodeio . .	53
A Colônia Blumenauense	54
Ponte sobre o Ribeirão Garcia	59
Fatos que envolveram a construção da ponte sobre o Rio do Teste	60
Como era o antigo "Bier Garden" da Praça Hercílio Luz	61
Aconteceu	63
Uma carta de Fritz Müller para sua irmã, publicada no jornal "Der Urwaldsbote", em 23 de julho de 1937	64
Poeta de Pomerode desvela o absurdo surreal do real	67
Colecionador envia negativo sobre igreja católica ao Arquivo His- tórico	68

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cz\$ 30,00

Número avulso Cz\$ 5,00 -- Atrasado Cz\$ 10,00

Ass. p/o exterior Cz\$ 100,00 mais o porte Cz\$ 20,00 total Cz\$ 120,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal. 425 - Fone: 22-1711

89.015 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

A HISTÓRIA DE BLUMENAU NA CORRESPONDÊNCIA DOS IMIGRANTES

Itajai Grande, Lichtenburg, 10 de setembro de 1853.

Querida Marie e fiel Emilie!

Bom-dia, minhas caras irmãs! Certamente um cumprimento distante, mesmo que com passos largos atravessasse o oceano, passam semanas antes que seus olhos vissem as palavras. Sabem, são 1800 milhas alemãs entre nós, uma grande distância para um corpo atravessar, mas curto para um pensamento. Meus pensamentos quase que a cada hora estão com vocês, meus queridos. Passam todos os domingos à tarde na sua aconchegante salinha? Enquanto vocês deliciam-se com uma xícara de café eu descanso debaixo de uma macieira, lembrando os dias e horas agradáveis que passei na Alemanha. Lembro os alegres bailes de inverno, oh! que tempo maravilhoso.

É verdade, como em um ano tudo mudou, cada dia traz novas lembranças. Hoje os dias são um como o outro, só raramente ocorre uma mudança e só o domingo pode interromper a monotonia da vida diária. Por aqui poucas vezes se perde uma pessoa, nenhuma mocinha, além dos irmãos Kellner dificilmente outro jovem. Vivo aqui bem sozinho com dois empregados no meu belo Lichtenburg. Mas como eu ficaria contente se fosse surpreendido por uma das belezas da Alemanha, tão minhas conhecidas. Antiga-

mente as via freqüentemente, mas hoje já não vejo uma dama.

Bem minhas queridas, eram outros tempos, nos quais o corpo vivia numa euforia mas o espírito soíria. Em sua tranqüilidade roía um verme, que agora foi afugentado. A calma faltava, pelas péssimas perspectivas para um futuro. Assim estou agora satisfeito com a atual situação. Mesmo que a vida, às vezes, apresenta-se monótona, fica a boa perspectiva e com o tempo tudo vai melhorar. A comida que no fundo é péssima, também está melhorando, porque se hoje me posso servir de algumas batatas ou uma sopa de batatas, já tenho um prato delicioso e apetitoso. Por este motivo alegrem-se com as batatas que podem comer diariamente ou um pedaço de pão seco que aqui muitos não têm nem para comer.

E se vocês tivessem que comer um dia um pedaço de carne seca, com o pavoroso pirão de mandioca, que parece ter o gosto de serragem misturado a água, então vocês reconheceriam o que tem de bom. Nós aqui temos que comer isto duas vezes por dia e ao meio-dia, feijão preto.

Mas logo que sobrar dinheiro para adquirir uma vaca, um porco e algumas galinhas e ainda tiver uma esposa, tudo vai melhorar. Como isto, porém, pode de-

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

morar ainda mais um pouco, já me conformei em levar esta vida ainda por alguns anos.

Agora chegou o momento pelo qual tanto ansiei, sou um homem livre, mas com esta liberdade vieram também as preocupações. Sim, preocupações terríveis às vezes perturbam minha mente e afugentam a alegria juvenil, os sentimentos alegres. A seriedade do homem que precisa cuidar de tudo, pela comida, bebida, conseguir dinheiro, esta austeridade agora apossou-se de mim e com ela a modificação fundamental do meu caráter, uma força inquebrantável. Mesmo que ele não afugente de todo a alegria e o divertimento do mundo, ele deverá existir, é o que exige a minha atual posição. O que exige de mim é a solução do enigma a mim apresentado, terá que ser uma firme e austera seriedade. Não pensem, no entanto, que por esta razão me tornarei melancólico ou pessoa que fuge da convivência do homem. Não, isto vocês não têm a recear, pois a cada 14 dias chego a ver pessoas e isto por enquanto basta. Para a elegante elite da Alemanha em pouco tempo estarei perdido. Apresentar o elegante cavalheiro alemão nos bailes, como antigamente desaprenderei um pouco. Preparem-se, portanto, em reconhecer em mim dentro de 3-4 anos, quando for à Alemanha um verdadeiro demônio da floresta. Mas agora mudemos de assunto.

Como certamente querem saber alguma coisa sobre minha vida de solteirão doméstico aqui, farei agora uma rápida descrição sobre a mesma. Minha casa de frente e fundos tem 34 pés de comprimento por 26 de largura e

14 pés de altura até o telhado, que é bastante alto, foi construído por carpinteiros alemães e é bem sólida. À direita da porta fica sob 4 palmas o fogão, onde a princípio as panelas eram penduradas só por correntes. Agora melhorei-o e já com grelhas construí um fogão bem melhor. Atrás deste estão penduradas na parede as ferramentas e as espingardas que são 4 e mais 3 pistolas sempre carregadas. Bem próximo encontra-se uma prateleira na qual estão nossas ferramentas, estas, bem como as armas, precisam ficar perto do calor do forno para preservá-las da umidade, para não enferrujarem. Ao lado desta prateleira tem outra, onde se vê os meus utensílios de cozinha, panelas, pratos, lâmpadas, canecas, xícaras e garrafas. Mais embaixo os baldes e outras caixas e caixinhas com velas, sabão, açúcar, café e mais alimentos. Atrás encontram-se dois grandes tachos que atualmente ainda são usados como depósitos de papéis. Mais adiante num pequeno balaio, batatas. Nos fundos algumas tábuas pregadas sobre as quais meus livros, papel de carta, tinteiro, artisticamente arranjados. Abaixo destas tábuas, meu eterno calendário, depois suas queridas fotografias e meu relógio de bolso, que funciona às mil maravilhas, também não podemos esquecer meus cachimbos. Mais abaixo encontramos dois bancos em estado rústico. Esta é a casa de moradia e anexo fica o dormitório sem tabique que tem assoalho e constitui o recanto mais agradável da casa. Considerando o estado de saúde, fiz deste lugar o dormitório, onde nossas camas estão espalhadas no chão e o resto de

meus pertences em caixotes. Assim apresenta-se no momento a nossa casa e comparada com um simples casebre na Alemanha parece um palácio. Mas ao estilo daqui até que é confortável e elegante.

C que agora se refere ao estilo de vida propriamente dito, é como segue: de manhã levantamos às 5:30, tomamos uma cachaca e em seguida os trabalhadores saem para o trabalho. Eu permaneço em casa ocupado com a arrumação da casa e cozinhar. Às 8 horas fazemos a merenda, que é carne seca frita num espeto com pirão (mandioca — farinha), café preto com açúcar. Em seguida coloco o feijão preto no fogo. Ocupo-me até o meio-dia com os operários. Em seguida almoçamos. Os operários descansam 1 hora e eu preciso lavar louça e fazer café. Às 13 horas todos voltam ao trabalho até às 18 horas quando escurece. À noite às 19 horas comemos outra vez carne seca com feijão, café preto, às vezes também batatas e carne silvestre. Depois passamos a ler um bom livro ou fazemos música, para às 21 horas cair nas nossas boas camas. Acontece também que às vezes, caçamos um papagaio, tucano ou galinha silvestre. A carne é muito gostosa e para nós é uma festa no prato diário. Às vezes também colocamos armadilhas nas quais pegamos quatis, pacas, veados, etc., onças ainda não pegamos, mas dizem que a carne é deliciosa. Como podem ver, carne nós temos em abundância, também peixes chegam à mesa, mas para mim prevalece o ditado: "Pescar e armadilhas muitas vezes são fatais ao solteirão".

Agora uma palavra a respei-

to das belezas locais. As brasileiras em sua maioria são bem bonitas, tem lindos olhos castanhos e traços fisionômicos delicados e finos. Se fossem vestidas com seus trajes e fossem um pouco mais vaidosas, poderiam ser consideradas belas mulheres, mas são sem excessão, desleixadas, pouco importam-se com a aparência pessoal e se vestem muito mal. Eu nunca me apaixonaria por uma brasileira, pois como dona-de-casa são péssimas. Se não tivessem sempre a seu lado o serviço dos escravos e escravas, estariam totalmente perdidas.

As mais ricas passam o tempo todo bordando e tecendo, sendo exímias bordadeiras e tecelãs, mas também dependem dos escravos.

Os homens brasileiros em sua maioria são de porte vistoso e eu já vi senhores de beleza tal, como nunca encontrei e vi na Alemanha. Também estes dão maior valor à sua aparência e sempre quando não estão trabalhando, seja senhor ou operário, estão vestidos com uma bonita camisa branca. Os alemães são muito considerados junto às brasileiras e é fácil por este motivo a um alemão, seja bonito ou feio, cair nas boas graças de uma rica brasileira. Se ele for trabalhador há excelentes partidos e junto com a moça ainda se recebe 20-30 escravos a 600-1000 mil réis e ainda como dote, recebe mais 1000-12000 mil réis. Eu no entanto só tomarei uma posição a esta solução se não achar uma moça alemã.

Como, com o escrever das cartas, a minha intenção é ao mesmo tempo esclarecer vocês, sobre assuntos que não conhecem ou lêem bastante deturpados, eu

me vejo na obrigação de perder algumas palavras sobre a escravatura. Eu vim à esta terra com uma opinião pré-concebida a este respeito, com uma grande aversão contra a escravatura. Naturalmente influenciado pelo livro "A cabana do pai Tomás" aqui conhecido como "Tia Beerbohm". Agora, no entanto, que vi com meus próprios olhos os escravos, cheguei à conclusão que estes livros estão baseados em mera fantasia. A respeito da escravidão no Brasil muito se escreve na Alemanha. Se no entanto os pobres alemães se lembrassem que muito serviçal existe lá que leva vida bem pior do que aqui os escravos, calariam a boca por certo, e não escreveriam sobre coisas que não sabem e não entendem. Sim, se os alemães perdessem sua liberdade, fossem vendidos como escravos, então poderiam manifestar um sentimento de revolta. Quando porém se chega a conhecer esta raça de negros e mulatos, estes elementos bobos e preguiçosos, então podemos chegar à conclusão que, com excessão de poucos, estas pessoas se sentiriam muito melhor como escravos. Em sua condição de libertos tornam-se malandros e ladrões e é comum que negros postos em liberdade em pouco tempo voltam para seu dono, implorando que os aceite novamente, nas condições antigas. Somente as pessoas caprichosas e trabalhadoras é possível posicionar-se como libertadas. Existem alguns, antigos escravos, que ganham muito dinheiro e lhes é facilitado a sua libertação pois, após as horas de trabalho podem ocupar-se de si e já muitas vezes, após 6 a 10 anos ganharam tanto e podem

comprar sua liberdade. Para isto as leis do país são muito favoráveis, pois todos são obrigados a vender seus escravos, quando lhes trazem valor e há taxadores do próprio governo que fiscalizam isto e, por uma certa taxa todo escravo pode obter sua liberdade. Todos, bem como as crianças são compradas e todo homem livre e de bem educa-os para que frequentemente a igreja. Se um escravo não está satisfeito com seu velhono, tem a liberdade de escolher um novo, e se este o paga pela taxa é obrigado a vendê-lo. Por outro lado, nenhuma criança abaixo de 12 anos pode ser vendida. Em geral os brasileiros são de boa índole e tratam bem seus escravos, porque geralmente tiram proveito deles.

Sallentien comprou um negro e, caso eu chegue às condições de pagar, também comprarei um. Concordo que em certos casos os escravos são tratados na América do Norte como o descreve Tia Beerbohm, mas certamente acontece pouco e muitas de suas narrativas são pura fantasia. Além de tudo, a escravatura daqui não pode ser comparada com a da América do Norte de forma alguma.

Aos escravos daqui só falta a liberdade e esta eles não consideram. Têm o que comer e beber, não precisam cuidar do vestuário e dormem sob o mesmo teto com seu dono. Em tudo são tratados como gente.

Mas agora vou incomodá-las com algumas encomendas, mandem através de Nahrwold ou com a família que virá para cá no próximo ano, 10 libras daquele algodão azul para meias. Eu queria vendê-lo aqui para amigos que

gostariam de ter algum, mas aqui é difícil de conseguir. Além disto mandem confeccionar algumas calças escuras na casa de Mühlenschläger e paletós de tecido semelhante. Curtos, com bolsos e uma fila de botões. Se enviarem alguns candelabros, com copos e cálices de vinho ficaria muito grato. Também necessito de papel de cartas e blocos de anotação. Bem! minhas queridas meninas, passem bem, eu ainda queria lhes escrever bem mais, mas tenho muito trabalho. Somente à noite ou domingos tenho tempo

para escrever. Vocês no entanto vão alegrar-me com longas cartas. Divirtam-se nos bailes das noites de inverno, dêem lembranças a todos os amigos, não esqueçam a senhorita Eugênie.

Abraços do liel irmão

Julius

Terminado em 21 de setembro de 1853.

Lembranças a Wibraus, em breve receberão cartas minhas.

Mandem os objetos pedidos.

Tradução: Edith Sophia Eimer
agosto/1986

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

O currículo

Convidado a proferir uma palestra sobre o Direito Eleitoral, pediram-me que levasse o meu currículo. A palestra em si era fácil: bastava-me repetir umas tantas noções que aprendi numas tantas leituras. Maçada mesmo era o tal currículo.

Pensei e pensei sobre o que deveria colocar nele, dizendo o que sou e o que tenho feito ao longo da vida. Quase nada me pareceu valer a pena e, de corte em corte, acabei ficando em zero. Ao contrário de Fernando Pessoa, concluí que, pelo menos em matéria curricular, nem tudo vale a pena, mesmo que a alma não seja pequena.

O esforço para escrever algumas linhas biográficas, alinhando meus próprios méritos, me pareceu de um ridículo atroz. As coisas que fiz, reduzidas a escrito, ficaram insignificantes. Para que serve, afinal, alinhar nomes de lugares onde vivi, se a maioria das pessoas nem imagina como eles são e onde ficam? Que importam os livros que publiquei se o povo, em sua maioria, não sabe ler? E se muitos dos que sabem, os verdadeiros analfabetos, como disse Mário Quintana, embora sabendo ler, não lêem? Que significam aos olhos da população os cargos, as funções, os mandatos e os magistérios, quando a

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

malandragem nacional envida tantos esforços para desmoralizá-los a todos?

Nada. Tudo isso é um nada.

O currículo, porém, é uma instituição nacional. Nada se realiza sem ele e todos se curvam diante de sua exigência. Emprego, até o mais modesto, concorrência, concurso, mesmo literário — exige currículo. Foram estabelecidas “normas” sobre o modo de fazê-lo. Criaram-se formulários próprios, cheios de quesitos e exigências formais de apresentação. Existem até escritórios especializados na confecção do currículo que, para melhor acentuar-lhe a importância, usam a forma latina *curriculum vitae*. E existem os indivíduos que mandam imprimir o próprio currículo, facilitando assim a sua difusão, mesmo quando não solicitado. Uma forma curricular mais vaidosa.

É tão intensa a preocupação com ele que algumas pessoas só praticam certos atos com o objetivo único de engordar o currículo. Como ele é amplo e liberal, aceita tudo, ou quase tudo, de sorte que jovens de dezoito ou vinte anos já o exibem gordo de densas laudas datilografadas.

E ele influi. A escolha quase sempre recai sobre o melhor currículo. O mais compacto, o que melhor se apresente, o mais gordo de todos. Ainda que a pessoa escondida por trás dele seja totalmente oca. Não importa. O que vale é o currículo.

Essas divagações me trouxeram à lembrança um fato de minha vida. E se o refiro, não é porque tenha valor curricular, mas porque diz respeito ao próprio assunto. Quando tive a infeliz idéia de me candidatar à Academia Catarinense de Letras, fui derrotado... por um currículo. Meu concorrente, embora inédito na literatura, apresentou como argumento um calhamaço curricular beirando a centena de páginas.

Por essa e por outras é que me rebelo contra a exigência. Aceitei o convite para a palestra e estou sempre disposto a outras.

Mas nada de currículo!

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: **Rosa Herkenhoff**

Excertos do “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia, publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 9 de setembro de 1865, referente ao afastamento de voluntários para a Guerra do Paraguai:

Dona Francisca — À Frente, Voluntários! Em fevereiro deste ano, o sr. Wilhelm Hoffmann propôs ao Governo formar, sob determinadas condições, uma corporação de voluntários alemães da Colônia. Parece ter chegado o momento em que esta oferta será aceita e, como ajuda rápida é dupla ajuda, seria aconselhável que os que pretendem seguir, se apresentem imediatamente e fiquem de prontidão.

Notícia de 23 de setembro de 1865:

Proclamação!

Homens e Jovens da Colônia!

Sua Excelência, o Presidente da Província de Santa Catarina aprovou, a 16 do corrente, a organização de um contingente de voluntários, sob as ordens de oficiais alemães, declarando que ficaria muito satisfeito se o número de voluntários alemães da Província fosse suficiente para a formação de um batalhão puramente alemão. Este contingente, aqui formado, será considerado um Batalhão de Caçadores e receberá, além do completo uniforme, equipamentos e armas à "MINIÉ". O engajamento e a uniformização, assim como os primeiros exercícios, terão lugar aqui mesmo. Gozarão de todas as regalias concedidas a todos os voluntários pelo decreto de 7 de janeiro deste ano, e o comando, bem como todo o serviço interno, serão efetuados em língua alemã. O soldo de cada voluntário, acrescido de abono, importa em 808 Réis diários, desde o dia do engajamento. Para aqueles que desejarem mandar entregar parte ou total do seu soldo às suas famílias, este estará sempre à sua disposição na Mesa de Rendas em São Francisco.

O abaixo assinado, incumbido da organização do contingente, apela a todos os homens válidos alemães da Colônia, bem como aos que residem fora do Distrito, entre 18 e 50 anos de idade, que se apresentem, podendo fazê-lo, diariamente, entre às 8 horas da manhã e às 6 horas da tarde. No entanto, aos que não puderem ou não quiserem atender a este apelo, não devem dificultar a decisão daqueles que pegarem em armas, dissuadindo-os ou removendo-os de sua intenção, mas, ao contrário, devem auxiliar com as suas forças, pois trata-se da causa comum do País, uma causa que é também a sua e da qual nenhum homem de bem se esquivaria, com desculpas vazias.

Colônia Dona Francisca, 20 de setembro de 1865

Wilhelm Hoffmann

Notícia de 30 de setembro de 1865:

Dona Francisca. — Voluntários — A Presidência acaba de nomear uma comissão em Joinville, para a efetivação da matrícula dos voluntários, composta dos seguintes senhores: Padre Boegershausen, Dr. Haltenhoff, Dr. Engelke, e Georg A. O. Niemeyer. A mesma comissão afixou na Delegacia uma convocação. O contingente de voluntários a se formar aqui, como tronco de um batalhão alemão desta província, sob as ordens do sr. Hoffmann, já conta com uns 40 homens e espera-se que daqui siga uma companhia inteira em armas, de bandeira desfraldada. Caso o Presidente aprovar este plano, tal contingente servirá de exemplo à outras colônias alemãs da Província, para que em toda parte se apresentem mais voluntários alemães. Esperamos, pois, que se apresentarão dezenas de voluntários, transformando em realidade a formação de um batalhão completo de alemães da nossa Província.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do Arquivo Histórico de Joinville.

PROFESSOR MAX HUMPL DEIXOU COM SEU DIÁRIO, MUITOS LANCES DA HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DE BLUMENAU E SEU DESENVOLVIMENTO

Anos: 1912 a 1939

(O original acha-se com o sr. Niels Dæeke, o qual cedeu a Blumenau em Cadernos para publicação — Tradução de Edith Eimer)

(Continuação do número anterior)

Nossos animais caseiros no Spitzkopf

A vaca era um animal inteligente. Logo à primeira chamada atendia, conhecia muito bem seu nome e vinha ela trotando, parava junto ao portão esperando uma banana como recompensa, e, ao passar diante do pé de amora, esperava que apanhassem umas folhas para ela.

O cavalo era um animal muito manso, puxava nossa charrete, e com ele trazíamos as compras da venda. Infelizmente achava o pasto muito pequeno e procurava, fugir para o milaral.

Nosso porquinho, muito mimado, nos acompanhava como um cachorro.

O gato dominava a casa. Quando pegava na espingarda e saía para afugentar os periquitos das laranjeiras ele acompanhava, pois ao atirar um que caísse atingido sempre sobrava para ele.

"Bello" nosso cão, não era de todo perigoso, mas não aceitava castigo. Uma palavra áspera era o suficiente. Não aceitava alimento de outra pessoa, a não ser de minha esposa. Quando diante da casa passavam pessoas latia duas vezes, quando avistava, uma ave de rapina, latia 3 vezes, quando a vaca estava diante da cerca, 4 vezes. E quando via uma jararaca, só um grito de alarme e atirava-se sobre a mesma. Com uma mordida atrás da cabeça matava-a.

A verdadeira permanência no Spitzkopf a partir de 1935.

A nova casa se parece com um castelo de fadas. Com um terreno suavemente inclinado, foi construída ao lado de alguns pés de tangerina. Do lado direito, murmurando, o riacho

de águas cristalinas. A varanda tem bordas de madeira talhada e plantas ornamentais a enfeitam. A sala é também aconchegante com sua lareira, e móveis rústicos típicos. A casa toda está cercada com madeira-de-lei.

Atrás da casa, muito bem cercados, o chiqueiro, o galinheiro e a estreararia. Vivemos felizes como num verdadeiro Eldorado.

Dia 1.º de janeiro de 1935. Agora definitivamente instalados aqui, começa o trabalho de colocar tudo nos seus devidos lugares. Preparamos 65 garrafas de vinho de laranja delicioso! Terminamos ainda o que faltava da cerca e destruimos um grande ninho de marimbondos. Diariamente buscamos trato para as vacas e o cavalo. Inhame, folhas de café, e capim temos à vontade. A nossa vaca aprecia muito as folhas de amora, que é uma árvore que o velho italiano ainda plantou.

—o—

Domingo 6 de janeiro de 1935. Para nossa alegria, já bem cedo chegou Berta, Josef e o casal Freiser, que trouxeram como presente um leitãozinho.

Foi um alegre almoço e tomamos nosso vinho de laranja. Visitamos a plantação de milho, tiramos fotografias, etc. À tarde tomamos café na varanda.

—o—

De 7/12 de janeiro trabalhei muito com o auxílio do senhor Kiel na construção de uma vala. Cortamos na floresta alguns troncos de Granhuba, para a vaca comer. Deparamos com um ninho de aranhas-caranguejeiras que são asquerosas e perigosas. Atacamos e, por isso nós destruimos o ninho a tiros.

Todos os sábados vem o açouguei-

ro até a venda do Senhor Graser e nós descemos a montanha para buscar carne fresca, o que sempre era uma alegria. Mas outros dias temos os produtos da própria colônia: ovos frescos, leite, queijo, aipim, batata e, em novembro, verdura e palmito. Uma vez ou outra comemos macarrão e conservas que temos que buscar.

—o—

Domingo dia 13 de janeiro. Hoje Maria está lavando roupa. Eu trabalho na limpeza da estrebaria e na limpeza dos pés de café, onde deparei quase a meus pés com uma jararaca, que consegui matar com uma paulada. Foi o primeiro susto.

—o—

Dia 24 de janeiro de 1935. Meu aniversário. Fui à cavalo até Sirau Sachtleben para buscar mantimentos: farinha de trigo, fermento, cerveja, etc. Para nossa alegria, às 9 horas chegaram Berta e Josef que trouxeram para mim "Kutteln", meu prato predileto. Tomamos café na varanda, seguimos num passeio até o lago e telzes almoçamos juntos.

—o—

Dia 26 de janeiro de 1935. Grande trabalho na floresta. Maria está limpando o milharal, o feijão, as batatas, etc. Eu mesmo passei o dia arrancando 1550 pés de samambaia.

—o—

Dia 2 de fevereiro de 1935. Minha esposa foi até a residência dos Pfiffer e de lá seguiu até a Velha, porque é aniversário de Berta. Eu fiquei sozinho cuidando dos animais.

2.^a feira fui até Groeser buscar minha esposa. Esta chegou somente às 11 horas e não estava se sentindo bem. A subida foi bem cansativa para ela.

No dia seguinte várias vezes fui à floresta buscar terra boa para o jardim. Matei outra cobra coral, que é bem mais visível, por suas cores, do que a jararaca, que tem uma coloração protetora.

—o—

Dia 12 de fevereiro de 1935. Ainda continuo no transporte de terra para

adubar o jardim e o terreno na outra margem do rio.

—o—

Dia 15 de fevereiro de 1935. Maria desceu para buscar carne. Eu estou ocupado com a limpeza da estrebaria e do chiqueiro.

—o—

Dia 19 de fevereiro. Tem muita plantação para limpar. Maria está ocupada fazendo pão e doce.

—o—

Dia 29 de fevereiro. Plantei capim elefante na outra margem e colhi 5 balaios de milho. Foi uma grande alegria.

Até o dia 4 de março vamos colher muitos sacos de milho, com o auxílio do cavalo. Em casa começo a escolher e a armazenar. Infelizmente Maria tem as pernas em ferida pela aclimatização com a altura em Blumenau, que é de 11 metros acima do nível do mar e nós estamos a 500 metros de altura. De 11 de março até metade de abril ela está sofrendo com isto, o que nos deixa bastante abatidos, porque todo o trabalho caseiro sofre com isto.

Neste tempo quase todo o trabalho externo está a meu cargo, como tratar animais, limpar as plantações, etc. Numa destas caminhadas encontrei uma enorme jararaca que matei com a espingarda. Contaram que com uma cobra como esta nunca podemos falhar, porque a cabeça atrai o chumbo. Primeiro não quis acreditar, mas mais tarde vi confirmada esta afirmação.

Também colho muitas bananas e uma ocasião fui atacado por marimbondos que construíram seu ninho por debaixo das folhas. Sempre que estou no bananal encontro jararacas e preciso prestar muita atenção.

—o—

Dia 4 de março de 1935. Nosso cavallinho fugiu e eu tive que fazer uma longa caminhada até encontrá-lo. Eu o repreendo severamente, mas pouca importância dá às minhas palavras. É diferente de "Bello" que com uma palavra faz mais efeito do que bater nele.

—o—

Sexta-feira 15 de março de 1935.

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

Bem cedo chegou o senhor Haase com uma carta, anunciando a visita de meus amigos cantores. Às 10 horas ouvimos os gritos de viva e vinham chegando Jennrich, Persuhn e Anerbach, carregados com cervejas. Acharam tudo ótimo, comeram e beberam a vontade mas ficar para pernoitar não quiseram e partiram às 2 horas.

—o—

Domingo 17/3/1935. Hoje os amigos cantores do "Emtracht" fizeram uma visita. Suando e cansados chegaram aos poucos, os senhores Schaefer, Duwe, Gestviki. Também o sr. Pape acompanhou os membros. Junto à cascata, debaixo das bananeiras, coloquei as mesas. O jovem Faht trouxe o churrasco. A cerveja refrescava nas águas claras e frias do riacho. Logo estávamos cantando alegremente, comendo e bebendo até às 4 horas, quando iniciamos a descida. Eu os acompanhei até Faht, onde até a chegada do ônibus tomamos algumas cervejas. A despedida foi penosa, sozinho regresssei para casa.

—o—

Dia 18/3/1935. Hoje fabriquei pela primeira vez nossa própria cerveja. O senhor Jennrich me forneceu um pouco de malte, lúpulo, fermento e açúcar mascavo. Temos que ferver e após estar frio é adicionado ao malte, depois vem o fermento e precisa então fermentar.

—o—

Dia 8/4 retiramos o líquido fermentado e o passamos para as garrafas, 23 ao todo. Arrolhamos bem. Ficou boa a cerveja e tem até um gosto parecido com cerveja.

—o—

Antes da Páscoa de 1935. Muito trabalho, como sempre. Recebemos sementes alemãs. Agora é preparar a terra, semear, etc.

Dos vales vizinhos trazemos carregamentos de Inhame. Arranquei 1650 pés de samambaia que infestam o terreno. Matei outra jararaca. Maria está lavando roupa e fazendo limpeza geral.

Dia 10/4. Muito frio. Temos que acender a lareira e na salinha bem aquecida jogamos xadrez.

—o—

Semana Santa 15/4/35. Semearmos aveia e repolho. Seguimos de charrete até a Velha para visitar Berta. Passamos horas agradáveis. No dia seguinte

partimos com Liesel Benther e às nove horas estávamos em casa. À noite jogamos Tarok. Liesel gosta de ajudar no serviço de casa. No dia seguinte queimamos a roça. Uma enorme jararaca tentou fugir das chamas, mas consegui matá-la a tiros. Liesel assustou-se muito. Sexta-feira subiram muitos visitantes, entre eles o senhor Max Hertel. Eles levaram Liesel às 4 horas para Blumenau. Agora volto a jogar xadrez sozinho.

—o—

Domingo de Páscoa, dia 21 de abril de 1935. O dia está maravilhoso. Fomos fazer um passeio entre os pés de café, quando ouvimos os gritos sonoros típicos dos alpes da baviera: eram Josef, Berta, Anna, Mariecheu e Roeschen, Steierlein. Todos tomamos café ao ar livre e o grupo seguiu ao pico da montanha onde pretendem ficar até amanhã. Segunda-feira Maria teve muito trabalho no preparo do almoço para todos nós. O encontro foi muito alegre e amigável. À tarde, às três horas, todos partiram, não antes de tirar muitas fotografias. A aveia que plantamos está crescendo bonita. Hoje cortei algumas árvores com Pedro, para termos lenha para aquecer os dias de inverno.

—o—

Mai de 1935. Trabalhei muito colhendo bananas e inhame e aprendi que estes produtos mancham a roupa cujas manchas nunca mais saem.

No mês de maio recebi também a visita de ex-alunos meus, assum como os senhores Baner, Schaefer e o farmacêutico Bach. Alguns dias depois ainda nos visitaram o alfaiate e o casal Scheidemantel. Também o senhor Haase nos visitou com 25 escoteiros "Blauhenden" (camisas azuis). Também o senhor Degan veio de motocicleta até aqui.

Maria tem muito trabalho em fazer sabão, cerveja, torrar café, fazer pão, etc.

O mês de maio foi um mês maravilhoso. A temperatura espetacular. Recebemos muita visita e estamos muito felizes.

—o—

O grosso diário é escrito agora mais detalhado, como comprovante de trabalho, sobre os inúmeros pequenos trabalhos que fazemos, mas é sempre o mesmo. Em 1 de agosto de 1938 levamos o porco até Sachtleben, onde

vendemos por 65 mil. Plantamos milho por quase 6 horas ao dia, 200 pés de cebolas, cenouras, etc. Ontem fui até Faht buscar mantimentos, como farinha-de-trigo, sal, açúcar, etc. Isto tudo fiz ontem, sábado. Hoje, domingo, uma bela manhã, estamos sentados ao ar livre tomando café. À noite passamos lendo ou jogando tarok e xadrez. Em noites de lua cheia muitas vezes toco o violino e sonho.

—o—

Dia 20. Seis nos visitaram: Josef e Berta, trouxeram dois pequenos barris e levaram de volta com vinho de laranja. No dia seguinte, saímos em busca de folhas de palmeiras para nova cobertura das instalações de animais.

—o—

Como visitantes muito queridos chegaram nestes meses os senhores Riedel, Edgar Pannoch, Otto Huber, Wunsch e esposa, Zadrozny e muitos outros menos conhecidos.

Assim sempre temos movimento. De solidão não sentimos absolutamente nada.

—o—

Natal de 1935. A véspera de Natal passamos sozinhos. Foi realmente uma noite santa, assim sozinhos na floresta. Dia 25 de manhã fui até Labes na esperança de encontrar visitantes, mas não encontrei ninguém e voltei. Logo após ouvi os gritos típicos da Baviera. Eram Josef e Berta, carregados de presentes. Agora vamos festejar, com um bom almoço, vinho de laranja e muita conversa. À tarde fomos ver as plantações. Começou a chover e todos partiram depressa.

Dia 29/30. Fomos de bicicleta até Blumenau para comprar material necessário à instalação de luz elétrica. A estrada estava miserável, mas voltamos bem. Ao chegar em casa encontramos tudo em ordem, pelo que também devemos graças a Deus.

—o—

Véspera de ano novo, 30 de dezembro de 1935. Tempo horrível, mas mesmo assim preciso buscar trato. Maria está costurando o dia todo. À noite acendemos as velas da árvore de Natal e terminamos o ano com saúde e feli-

zes. Ao longe ouvimos os foguetes da cidade onde o povo se diverte à sua maneira.

—o—

A eletricidade nas alturas

Meu amigo o engenheiro Kiel, de Blumenau, colega de canto, prometeu no dia da despedida em Altona, conseguir um dinamo para obtenção de luz elétrica na montanha. Imagina os transtornos que causam as lamparinas e velas. As lamparinas precisam estar sempre limpas e cuidar para que não falte querosene, que precisamos buscar lá embaixo, onde é deixado por um colono atencioso que trouxe de Blumenau. Todos estes transtornos deixam sonhar com a luz elétrica.

Trabalho de dezembro de 1935 até janeiro de 1936, não só na roça mas também nos preparativos para a luz elétrica. Construí uma roda d'água de dois metros de altura, com pás, mandei fazer rodas transmissoras de madeira, na fundição da empresa Garcia, encomendei 2 eixos de aço, cortei com o engenheiro Kiel, algumas árvores cuja madeira é boa para a cabana do dinamo, etc. Mandei trazer as correias da Casa Blumenau, enfim tudo está preparado.

—o—

Sábado, dia 11 de janeiro de 1936

— Fui até Faht, onde esperei por Josef e o engenheiro Kiel, que trouxeram o dinamo, que logo transportamos para cima. Fizemos a subida a pé e fomos recebidos com enorme alegria e um bom café. Depois iniciamos o trabalho que durou dois dias, até o dia 12 de janeiro, quando ligamos pela primeira vez a luz elétrica, para alegria de todos. Josef precisou partir, mas o engenheiro Kiel ainda permaneceu conosco e passamos a noite conversando animadamente. No dia seguinte acompanhei o sr. Kiel até Faht, e agora retornei ao trabalho rotineiro.

—o—

Janeiro de 1936 — Podemos, agora, tomar diariamente um saudável banho de chuveiro, pois preparei toda a instalação.

—o—

Páscoa, 12/4/1936. Para descansar fomos fazer um passeio até o pico da

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

montanha. No caminho colhemos orquídeas e outras flores e também encontramos conchas, remanescência de eras passadas. Diante do panorama maravilhoso permanecemos em silêncio por vários minutos. Logo chegaram os senhores Haase, Funke e Mantenfel. Regressamos às duas horas para casa e à noite passamos lendo.

—o—

Segunda-feira. O tempo não está bom. Mas o trabalho espera por nós. Depois, leitura, tarok e xadrez.

—o—

Chegou a época da colheita do café. Dez baldes cheios foram colhidos. Um pouco, preparamos e vendemos. Também a colheita do milho foi boa e nós a trocamos por farinha no moinho de Faht. Para as grandes despesas também é preciso alguma compensação.

—o—

Espírito Santo 1936. Fomos de bicicleta até Altona, para o batizado em casa do amigo Biegging. A noite foi bem agradável como sempre.

—o—

Anotações precisas sobre o nosso trabalho. Quarta-feira 15/4/1936, foi um dia ótimo, mas frio. Maria fez pão, eu limpei o pasto, e matei uma cobra coral. Depois do almoço os dois limpamos as plantações, onde ao tirar aipim quase não percebemos uma jararaca, mas conseguimos matá-la. Maria ainda foi semear aveia, eu fui cortar lenha. À noite, leitura e depois, cansados, dormimos. Ainda preciso pintar duas lápides encomendadas pelo senhor Ehrhart.

—o—

Sábado, 18/4/1936. Maria esteve ocupada com a limpeza da casa. Eu descí para buscar carne. À tarde, limpeza da estrebaria, plantação de ervilhas, e corte de bananas. Fui picado por um marimbondo. Voltei para casa cansado e tomei um banho bem quente. No dia seguinte, tivemos a visita dos senhores Haase e filho, Dierschnabel e Rosenbruch. A noite passamos lendo.

—o—

Quarta-feira, dia 29/4/36. Liesel Benthler subiu com o senhor Faht. Maria foi com ela colher abóboras. Eu limpo o cafezal. Todos os três fomos cortar trato. À noite jogamos Tarok e os mosquitos incomodam.

Domingo, 3/5. Maria e Liesel es-

tão fazendo um quebra-luz muito bonito. Eu iniciei as 100 aquarelas, que o pai de Liesel encomendou. Como marceneiro ele as precisa para enfeitar alguns móveis. À noite, todos cansados fomos dormir cedo.

—o—

O porco é um animal que também gosta de limpeza. Isto está bem provado. Nossos porcos que levávamos para Sachtleben eram sempre gordos e limpos. Todos se surpreendiam com isto. Mas minha esposa cuidava sempre da limpeza dos chiqueiros porque matá-los e comer sua carne era contra nossos princípios. Muitas vezes éramos surpreendidos de manhã com o nascimento de alguns porquinhos, o que era sempre uma alegria para nós, assistirmos seu desenvolvimento. Assim pudemos verificar que também os porcos apreciam a limpeza.

—o—

Quarta-feira de julho de 1936. Cedo, com o senhor Faht, segui para Blumenau para as bodas de prata de August Kiel. Todos os amigos cantores estavam presentes. Cantamos muito e festejamos até altas horas. No dia seguinte retornei com o caminhão distribuidor de cerveja de Berner. O jovem Alfahrt está aqui, pois o colono Kiel está de muda. Pedro também encontrou um emprego e nos deixou.

—o—

Já alguns meses estamos sozinhos. Para o leste não há viva alma. Agora Schleif conseguiu para sua propriedade o casal Müller com 2 crianças. Nós pegamos uma menina de 10 anos para criar de nome Paula. Assim, em caso de necessidade, temos alguém conosco.

—o—

Natal 1936. Maria e Paula desceram para buscar carne. Depois fizemos o trabalho rotineiro para os dias de festa: enfeitar árvores etc. A noite passamos agradavelmente juntos. Paula está aprendendo violino e canto.

—o—

Véspera de Ano Novo. Noite maravilhosa com milhares de luzes a nos cercarem. O ano velho passou bem.

—o—

Dia 2 de fevereiro, aniversário de Berta. Josef e esposa, vieram com inúmeras coisas boas e úteis. Aqui nas alturas tudo é bem-vindo: fósforos, sal, pimenta, arroz, etc., porque estas coisas somos obrigados a trazer lá de baixo.

Terça-feira, 28/3/1937. Pela primeira vez, depois de muitos pedidos, fui a um ensaio de canto em Altona. A festa da Sociedade está próxima. É muito cansativo estas idas, mas prometeram boa recompensa. Assim faço estas viagens até o dia 6 de junho, toda terça-feira.

—o—

Páscoa 1937. Temperatura maravilhosa. Visitamos o simpático colono Alfarth. Depois fomos até a propriedade de Graeser. Chegamos às duas horas e tratamos de cuidar dos animais.

—o—

Espírito Santo, ficamos em casa descansando. Na varanda tomamos tranquilos e alegres nosso café.

—o—

Natal 1938, Maria foi buscar carne. Seguiram-se os preparativos natalinos. De Berta e Bieging chegaram pacotes que à noite abrimos junto à árvore de natal. Paula ficou encantada com tudo que viu. No dia seguinte visitamos a família Jungbaner, onde fomos bem recebidos. No terceiro dia recebemos a visita de Victor Schleiff que trouxe uma caixa de charutos, muitas novidades de Blumenau sobre os integralistas, os chamados camisas verdes, que pretendem "melhorar" o Brasil.

O resto da semana estivemos ocupados com os trabalhos rotineiros.

—o—

Véspera de Ano Novo. Maria foi buscar carne sozinha e eu fui ao encontro dela para ajudar a carregar as coisas compradas. Maria se ocupou com a costura e passou roupa. À noite descansamos lendo. De madrugada chegou até nós o barulho dos foguetes em Blumenau.

—o—

O ano de 1938. Ano Novo, cheio de trabalho. Dia 1.º de junho veio visitar-nos o dentista Riedel, que é nosso vizinho, mais abaixo, porém não mora permanente.

—o—

Concretizei uma nova idéia: com o colono Müller, represamos um riacho,

formando um lago onde no dia 24 de janeiro, meu aniversário, 61 anos, coloquei 36 pequenas carpas, que nos alegram muito e em pouco tempo estarão tão mansas, que ao bater na madeira surgem com a cabeça na superfície da água esperando comida.

—o—

Dia 26 de fevereiro de 1938. Ambos fomos ao casamento de Ingo Labes com senhorita Erhart. Foi muito agradável, mas Maria ficou doente e tivemos uma subida triste até em casa. Era a terrível febre que a atacara. Ela precisou descer por 3 dias até Blumenau onde a velha senhora Winterberg a tratou.

—o—

Agora começa a terrível época da febre. Terça-feira fui sozinho a Blumenau comprar Atebrina e entregar no marceneiro 200 quadros de aquarela. Voltei às 4 horas com Alfort. Era uma linda noite de luar. Subi solitário até em casa. Mil fantasmas cercam-me, vozes estranhas se fazem ouvir, as enormes árvores e os pequenos arbustos transformam-se em imagens fantasmagóricas. É esta a impressão ao caminhar assim sozinho pela floresta. Felizmente cheguei em casa, onde tudo encontrei em ordem. Senti um alívio enorme. Uma pessoa que vive na cidade dificilmente me compreenderia.

—o—

Páscoa 1938. Não é bom. Alguns dias passamos colhendo inhame e trabalhando na rotina diária. Sábado desci ao vale para comprar carne e quando voltei encontrei Maria ardendo em febre. Domingo de Páscoa foi péssimo. Maria continuou com febre, que nunca esteve tão alta. Senhor Gaulke e esposa estiveram aqui. Segunda-feira nasceu um bezerrinho, que em circunstâncias diferentes, muito teria nos alegrado. Maria levantou assim mesmo às 4 horas da madrugada e foi à estrebaria, onde encontrou a mãe e filho bons. Para nosso espanto o bezerrinho era preto e a vaca branca.

—o—

Terça-feira, depois da Páscoa. Maria já está melhor e temos muito

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

trabalho. Subi com o colono Müller para roçar o cafezal, e fazer valetas para escorrer a água, etc.

—o—

Segunda-feira 25-27. Maria esteve em Blumenau em casa de Berta, por causa da doença. Eu fui buscar a minha esposa e na subida fomos surpreendidos por uma terrível chuva, que para o estado de saúde de Maria, não era nada bom.

—o—

Dia 2 de maio de 1938. Maria e Paula foram até Sachtleben. São quase 3 horas de caminhada. Ela foi pagar a conta. Nós tínhamos que receber por dois porcos 180 mil e eles cobraram 160 mil por nossas compras.

—o—

Domingo, 8 de maio de 1938. Recebemos a visita dos cantores "Garcia-tal". Já na venda Sachtleben ensaiaram, subiram cantando, deram vivas ao seu dirigente. Proporcionaram grande alegria a todos nós.

—o—

Estrada para o Spitzkopf

Conversei com o senhor Haase, em agosto de 1938, sobre a construção de uma estrada melhor até o Spitzkopf, para a possibilidade de até trafegar pequenos carros até minha propriedade. Este senhor recebeu as despesas. Comecei então a fazer um mapa bem esclarecido com algumas aquarelas sobre como se apresentaria a futura estrada, fui a campo. Procurei todas as grandes firmas como Hering, Hoepke, Gestwiki, Zadrozny, Rischbieter, Schmalz, etc. Muitos contribuíram. Depois de 14 dias em Blumenau e Garcia (não esquecer a Empresa Garcia), consegui a bonita soma de 3 contos, assim pude contratar 8 homens que de 2 até 20 de janeiro trabalharam incansavelmente. Eu também trabalhei diariamente na estrada, cortando curvas, endireitando os barrancos, dando-lhes a inclinação certa, fortificando aqui e ali, canalizando, etc. Diariamente caía exausto na cama. Minha esposa, com o colono Müller, faziam neste tempo o trabalho rotineiro, como roças, buscar trato, etc. O trecho mais difícil foi aquele até a roça da família Labes, onde precisamos escavar uma parede rochosa de cerca de 3 metros de altura, para alargar a estrada, pois à esquerda tinha um precipício. Po-

rém o lugar mais perigoso era um pedaço novo a ser construído, através uma parede rochosa em direção à colônia do senhor Riedel, onde antigamente o caminho descia e depois subia muito íngreme. Ali realizamos um trabalho perigoso, como remover rochas das paredes de quase 8 metros, e do lado esquerdo reforçar um muro de arrimo de 4 metros. Eu me senti realmente feliz quando terminamos este trabalho sem que alguém se acidentasse. Então também os operários cansaram-se. Outro trabalho os esperava em casa. Com alguns colonos continuei a trabalhar no trecho mais fácil, até minha propriedade e um pouco mais além. Também devo registrar agradecimentos a 12 ex-alunos de minha escola que vieram para trabalhar espontaneamente comigo. Também a Câmara Municipal, sob o comando do senhor Dierschnabel, forneceu operários que com dinamite, removeram uma enorme rocha. Assim em meados de 1939 uma grande obra foi terminada e felizmente sem um acidente.

N.B. Inesperadamente este trabalho que fiz sem visar lucro, depois de 16 anos ainda me trouxe um reconhecimento e também uma compensação moral e material pelo honroso e digno amigo da natureza, o agora proprietário da maravilhosa região, o senhor Udo Schadrack.

—o—

Junho de 1939. Como muitas vezes, limpo à foice o cafezal. Em minha companhia está nosso cão "Bello". Repentinamente aparece uma jararaca; o cachorro a viu e também já atacou a mesma, sacudindo-a violentamente, matando-a. Quando olhei para "Bello" vi que a pata dianteira estava inchada. A cobra havia dado o bote. Levei o cão para casa, mas ele já caiu enfraquecido, sangrando pelo nariz, orelhas e boca. Uma visão terrível, assim como seu sofrimento. Tudo fizemos para salvá-lo, mas nada adiantou. Alguns dias mais tarde tivemos que sacrificá-lo, livrando-o de seu sofrimento.

Nestes dias fiquei com tanta raiva destas víboras que matei mais duas jararacas no vale próximo.

—o—

Noite de terror motivado por uma jararaca

Durante a noite sentimos um forte cheiro de apodrecido em nosso quarto

de dormir. Procuramos em todos os lugares. Por fim encontramos o que procurávamos. O forte cheiro vinha detrás do guarda-roupa. Nós o afastamos e então caiu uma jararaca morta no chão, que provavelmente caíra da janela, atrás do guarda-roupa, fora imprensada e morrera. Na trepadeira em frente à janela provavelmente subira e chegou assim ao nosso quarto. Os galhos de trepadeira foram afastados, para que não ocorresse susto igual.

—o—

Dia 11 de julho de 1939. Muita alegria tivemos quando chegou diante de nossa casa, de jipe, o senhor Miens-tett e com ele também o senhor Udo Schadrack. Nunca pensávamos que fosse possível subir esta estrada ingreme com um carro, mas agora já há 2 meses isto é possível com a nova estrada. Também veio muito bem o senhor Isleb, da Velha, que subiu o trecho todo de motocicleta. Com um pouco mais de capital e trabalho a estrada ficará melhor e assim nossos amigos do Spitzkopf, a partir da minha casa, poderão subir tranquilamente até o pico. Sabe-se que apenas com 3000 mil réis e um enorme esforço, foi feito uma estrada.

—o—

Dia 1.º de janeiro de 1939. Na casa do senhor Schleiff foram derrubadas todas as colméias por uma tempestade. Nós subimos para ver o estrago. O terreno cedeu, pois em volta das colméias foi preciso construir uma valleta com água para protegê-las das formigas.

—o—

Dia 2-16 janeiro de 1939. Diariamente trabalhando na estrada, estamos fazendo bons progressos. Animo o pessoal de vez em quando com um copo de cachaça.

—o—

Dia 17 e 18 de janeiro de 1939. Viajo a última vez a Blumenau para arrecadar dinheiro para a construção da estrada de ferro. Dou graças quando isto terminar. Apesar de tudo, fui sempre muito bem recebido por todas as pessoas com quem falei.

—o—

Natal de 1938. A pequena Paula voltou novamente para casa dos pais. Não era muito agradável para minha esposa ficar assim sozinha, quando eu

precisava ir a Blumenau ou afastar-me da casa para trabalhar na estrada. Assim, a 3 de janeiro de 1939, ela aceitou em casa um rapaz de 10 anos de idade, filho do colono Schmeid para ajudar no serviço. O mesmo também aproveitou para aprender conosco a ler e escrever, porque nunca tinha frequentado uma escola. O nome dele é Paul.

—o—

A 17 de fevereiro de 1939, a nossa vaca teve um bezerrinho. Infelizmente tivemos que vendê-lo, pois não tínhamos condições de criá-lo.

—o—

Páscoa, 9 de abril de 1939. Estamos um pouco melhor este ano do que o ano passado, isto é, sem febre. Recebemos a visita dos senhores Grossweiler e Iten com esposas. Tomaram café conosco antes de continuarmos a subida.

—o—

Fins de abril de 1939. Estávamos novamente com febre, uma vez eu, outra vez Maria. Assim nos revezamos no tratamento mútuo, e o trabalho esperava por nós.

O engenheiro Kiel, de Blumenau, que conhece bem o que significam estes ataques de febre, pintou em cores vivas a beleza atual na Alemanha, onde sua esposa já se encontra e ele iria logo também. Maria e eu resolvemos procurar o consulado alemão, a 4 de maio de 1939, para pedir o preparo de papéis para o regresso à Alemanha.

—o—

No dia 9 de maio de 1939. Ambos fomos a Blumenau e o Dr. Pape nos forneceu os respectivos atestados médicos. Tomamos a difícil resolução de voltar à Alemanha.

—o—

Voltamos para casa. Muito trabalho nos esperava, mas sempre estamos com febre. Este estado febril impedia que trabalhássemos com disposição.

—o—

Dia 29 de junho. Fui ao Consulado, entrando com o pedido de regresso à Alemanha para o dia 31 de julho de 1939.

Tristemente volto para casa. A decisão nos enche em parte de alegria, mas também de tristeza, por precisar deixar este lindo lugar.

—o—

No dia 12 de julho de 1939, o senhor Hering Júnior comprou nossa bo-

nita casa com todo o mobiliário, plantações, pomar, etc.

Ainda chegam centenas de compradores de pequenos objetos que não pretendemos levar.

Nosso gado é vendido rapidamente, porque está bem tratado. O cortador de trato, vendi ao senhor Schleiff, minha espingarda e revólver ao senhor Dfiffer. Tudo se desfaz como em sonho. Apáticos, nós nos entregamos ao destino.

—o—

Dia 26 de junho de 1939. Subimos pela última vez ao pico, olhamos para a linda paisagem, e com lágrimas nos olhos nos despedimos de toda esta beleza.

—o—

Chegou o dia 20 de julho. Recebemos as nossas passagens. Mais uma vez percorremos os bonitos lugares, sentamos nos bancos nos quais sonháramos. Chegaram os compradores Franz Hering e Meintënt. Eles prepararam um delicioso churrasco como despedida. É como a última refeição de um condenado. Então partimos, pa-

ra Blumenau, dando adeus à linda floresta...

No dia seguinte, **24 de julho de 1939.** A Sociedade ofereceu uma festa de despedida. Foi comovente a despedida de todos os companheiros com os quais por 37 anos cantei. Eu me senti envolvido por uma verdadeira tristeza.

Era uma despedida para toda a vida, de tudo e de todos que tanto amávamos.

—o—

Sábado de manhã às 4 horas, partimos de ônibus para Florianópolis, onde nos esperava ainda a despedida mais dolorosa: a filha e genro.

—o—

No dia 1.º de agosto de 1939. Apitava o navio "Monte Sarmiento", para a partida de nossa segunda pátria...

Fim do diário

Nota — Na próxima edição, publicaremos as anotações deixadas pelo Professor Max Humpl, sobre suas atividades sociais e culturais, registrando outros fatos importantes na história social e cultural de Blumenau.

Relatório sobre as escolas dos tirolezes na paróquia de Rodeio - Município de Blumenau em 1910

(Do acervo do Arquivo histórico "Prof. José Ferreira da Silva")

"A escola na sede da paróquia de Rodeio tem duas classes e abrange cinco divisões. As matérias ensinadas são as seguintes: Religião, língua moderna, gramática, escrever, ortografia, redação, aritmética, geometria, história, geografia, ciências naturais, canto e desenho. As aulas são administradas diariamente de 7:00 à 12:00 horas e 1:30 à 4:30 horas da tarde. As escolas são as seguintes: — Escola de São Virgílio, o professor é um tirolês nato e estudou em Blumenau, é conhecedor do idioma português e italiano. A Escola Velha Sacra Família em São Paulo com 55 alunos dos quais 30 de origem tiroleza, o professor estudou 5 anos no Colégio Franciscano de Blumenau. A Escola de Diamante-Alto com 25 a 35 alunos, todos tirolezes. A Escola Santo Antônio (Rodeio II-12) com 30 alunos alemães e tirolezes, o professor também estudou em Blumenau. Por último a Escola Santo Antônio (Pommerania) com 30 alunos a maioria tirolezes, e a escola no caminho Tirolês com 40 alunos, todos tirolezes, o professor é formado no Tirol.

Todas as escolas aceitam o padre como inspetor escolar, têm

todos os mesmos meios e material de ensino e ainda usam o plano escolar, introduzido em Rodeio. Também ali se reúnem os professores para suas conferências. Com a Sociedade Dante Allyghieri nós entramos em contato, pois os mesmos têm uma árdua luta a enfrentar. Com excessão de Rodeio e Diamante-Alto a sociedade instalou escolas rivais que são maravilhosamente subvencionadas. Assim aconteceu que famílias davam assistência financeira à II escolas, ao mesmo tempo 50\$000 para professor e escola além disto precisavam comprar livros e cadernos. Nas outras escolas pagavam somente 5\$000 para professor e escola. A luta atual contra a Dante Allyghieri nós precisamos continuar com toda energia. O Cônsul italiano indicou um descrente e socialista como inspetor escolar da "Dante" e que ainda dispõe sobre os livros a serem usados e fornecidos pela Sociedade Dante Allyghieri. Este ano, na qualidade de inspetor escolar visitou algumas escolas e convidou as crianças para a festa do dia 1.º de maio. Quando também podemos afirmar que o socialismo não encontrou um solo frutífero, assim mesmo o "Dante" sempre representa um perigo e pode trazer graves conseqüências. Desta forma alguns tirolezes são transformados em italianíssimos e a união entre todas será dividido em frações. Até o presente momento o partido oposicionista ainda está na minoria, mas logo virá a assistência dos aliciadores clandestinamente porque abertamente não terão coragem.

A carta acima foi a 18 de maio de 1910 entregue ao K.K. agente consular austriaco e senhor Leopold Hoeschl em Warnow, que foi incumbido pelo embaixador austriaco a fazer um relatório sobre as escolas tirolezas no Município de Blumenau. O mesmo esteve aqui no dia dos festejos da Festa do Espírito Santo e não pôde verificar as escolas funcionando."

(Tradução de Edith Sophia Eimer)

A Colônia Blumenauense

Texto extraído do livro "Südbrasilien" escrito pelo Capitão J. Hörmeyer e publicado em 1857 em Hamburgo.

Antes de analisarmos a mesma propriamente dita, vamos dedicar algumas palavras a seu fundador que temos a honra de conhecer pessoalmente.

Dr. Blumenau é um alemão de corpo e alma e de uma total dignidade. Nele se reúnem a persistência saxônica e um quase fanático entusiasmo por sua obra. Ele que situa-se no meio realístico do novo mundo, na ânsia da luta e de realizações, ainda con-

tinua a ser o mesmo homem sensível e culto, que após um dia de luta sob intenso calor, gosta de uma conversa espirituosa, apreciando música, e permitindo uma dança, desde que não o incomode.

Tudo isto faz com que se tenha a visão nítida de uma pessoa cordata, sincera e ponderada apesar de todas as críticas de que eie é alvo.

Sua obra é o melhor exem-

plo. Depois de ter dedicado uma grande parte de seu tempo em incentivar a emigração alemã, repentinamente se viu abandonado por tudo e quase todos, mas não perdeu a coragem de, por iniciativa própria, continuar o empreendimento, sacrificando quase todas as suas posses, cerca de 10.000 thaler para a fundação de sua Colônia no grande Itajaí.

Agora ele tinha a oportunidade de pôr em prova toda a sua tenacidade e perseverança. Apesar de que o momento era o mais impróprio possível, porque toda a Europa ainda estava sofrendo o trauma dos fins de 1848. Infortúnios de toda espécie, prejudicaram os principiantes, mas em particular Dr. Blumenau, e ameaçavam sufocar sua iniciativa, já no seu começo.

No ano de 1851, finalmente parecia ter terminado esta má fase. O governo imperial, reconheceu seus esforços e sacrifícios, concedendo um apoio de 10 contos de réis. Mas também sobre isto, verificava-se a estrela da desdita. O navio que transportava uma moenda de açúcar foi interceptado pelos ingleses, alegando que o navio servia de transporte de escravos e nunca mais foi recuperado.

Porém, mesmo com toda esta desgraça, Dr. Blumenau não perdeu o ânimo. Com nova energia dedicou-se à sua nova obra e conseguiu o seu objetivo. A sua pequena Colônia progredia maravilhosamente e era agora auxiliado em grande escala pelo governo.

Mas não somente como fundador Dr. Blumenau obteve reconhecimento entre seus colonos, mas também como homem. Todos os moradores de sua Colô-

nia, como também da redondeza, sempre tiveram todo seu apoio e sempre podiam contar com seus conselhos amigos.

Depois deste pequeno registro sobre Dr. Blumenau voltamos à Colônia em si.

No ano de 1850, Dr. Blumenau comprou no alto do Rio Itajaí acima da mais antiga Colônia Alemã e local junto ao Arroio das Velhas, uma faixa de terra. Recebeu então do governo provincial terra do governo para uma colonização alemã e que junto perfazia cerca de 10 léguas quadradas, ou como ele mesmo disse 155.000 morgens prussianos que agora fazem 350.000 morgens.

O local da escolha para a colonização não podia ser mais feliz, porque ali se unia tudo para dar mais brilho à colonização. O clima da província era excelente, o que também verificava-se na apresentação dos próprios moradores. A Colônia estava localizada favoravelmente próximo ao porto na barra do rio, facilitando a comercialização com Santa Catarina e Rio de Janeiro que podia ser alcançado em 36 horas. Tudo isto foi muito bem analisado e favorecia a Colônia.

Os obstáculos que se apresentavam eram os naturais além da antipatia que os imigrantes sentiam no próprio povo do Brasil, e seu completo desconhecimento sobre tudo que relacionava-se com este país.

A princípio, Dr. Blumenau fazia frente à descrença com sua sábia economia e o subsídio que o governo cedia, conseguindo publicações enérgicas e explicativas.

A fundação propriamente dita aconteceu no mesmo ano por 17 pessoas, que receberam suas

terras de presente.

A estas pessoas seguiram no ano de 1851 mais 8 pessoas e em 1852 chegaram 110 imigrantes. Também estes receberam suas terras presenteadas como lhes fora prometido.

Ao mesmo tempo cuidava-se da assistência religiosa e escolar aos que receberam suas terras de presente.

Em 1853 a imigração foi novamente muito insignificante. Somente 28 pessoas, e os compradores poucos.

Mesmo assim o tempo não foi desperdiçado: pontes, estradas, depósitos e casas de recepção eram construídas; o desânimo não apresentava-se em nenhum lugar. A terra também mostrava-se boa e fértil o que demonstrava-se nas pequenas plantações.

Por fim de 1854 tudo apresentava melhora; emigraram 146 pessoas, de modo que em fins de 1854 já havia 246 colonos estabelecidos, entre os quais 3 católicos.

Os demais imigrantes (63) se distribuíram em sua maioria, na lavoura da terra e, em parte, como empregados, diaristas, e alguns já estabelecidos. Somente dois deixaram a Província definitivamente e seis a região de Itajaí.

Estes 246 colonos viviam em 46 fogos e só seis ainda não estavam prontos.

A nova contagem em princípio de 1857 já registrava 468 pessoas e 102 fogos.

Em 1856 aconteceram 4 casamentos, 19 nascimentos e 10 falecimentos.

Se este resultado com o pequeno emprego de capital foi realmente bom, bem negativo torna-se agora, com a rejeição alemã ao Brasil e a imigração che-

gava à estaca zero.

Foi então que o governo interveio, resolvendo aceitar as propostas do Dr. Blumenau, que apresentara as mesmas no ano de 1854 quando estivera no Rio de Janeiro.

Resolveu então o Governo Imperial fazer o seguinte contrato com o Dr. Blumenau:

Artigo I — O governo imperial se compromete subvencionar o Dr. Blumenau, estabelecido nas margens do Rio Itajaí na Província de Santa Catarina, com a Colônia com o mesmo nome, a importância de 85 contos por sete anos e sem juros. Sendo que no primeiro ano 25 contos e nos anos restantes sempre 10 contos anualmente.

Esta soma será entregue ao Dr. Blumenau ou ao seu procurador pelo Ministério das Finanças, em parcelas, a primeira no mês de abril do ano corrente de 1855.

Artigo II — Baseado neste empréstimo, se compromete Dr. Blumenau elevar ao máximo grau de progresso a sua Colônia às margens do Itajaí, num espaço de 10 anos. Terá que trazer da Europa ou Estados Unidos cerca de 4.000 colonos. Pelo menos nos primeiros cinco anos, 1.600 e os restantes 2.400 nos outros cinco anos. Outrossim deverá construir acomodação para os imigrantes que chegarem tanto na Colônia como no porto de Itajaí. Também abrir uma estrada entre a Colônia e este porto e conservá-la em bom estado. Por fim, cuidar de tudo que possa beneficiar a Colônia e levar a mesma a um bom desenvolvimento, como consta do plano do mencionado Dr. Blumenau e que está depositado no arquivo geral da direção.

Artigo III — Também Dr. Blumenau se compromete construir uma segunda estrada que levará da Colônia pela serra para a Vila do Príncipe e Província Paraná e a estrada principal para a Província Rio Grande do Sul. Também ao longo de 4 em 4 léguas da mesma estrada estabelecer pequenas colônias e hospedarias para viajantes.

Artigo IV — A direção desta estrada dependerá da permissão do governo imperial, que por sua vez se compromete cooperar com 32 contos de réis (20.000 thaler) que serão pagos em prestações de 8 contos anualmente, nos últimos quatro dos 7 anos do empréstimo ao qual se refere o artigo I.

Artigo V — Ainda se compromete o governo imperial conceder no primeiro ano (1855) uma importância de 10 contos de réis (8.300 thaler) que deverão servir para comprar terras na Barra do Itajaí e em mãos de particulares e nelas construir tudo que for necessário para preservar as mesmas das enchentes periódicas, como também uma ponte de desembarque e embarque e também depósitos.

Artigo VI — As terras correspondentes ao artigo anterior depois de descontadas as despesas para construção do depósito para os recém-vindos, como trapiche de desembarque, deverá ficar para a instalação de uma colônia, concordando com o artigo 77 do regulamento da Lei de terras (decreto n.º 1318 de janeiro de 1854).

Artigo VII — Além do mais,

o governo imperial se compromete ao pagamento anual de 800 contos (668 Thaler) durante 7 anos visando o artigo I, mais o ordenado de um pastor evangélico da igreja luterana.

Artigo VIII — As terras estaduais da estrada mencionada no artigo III, estão à disposição e garantidas do Dr. Blumenau pelo preço de 1/2 Real por Braça quadrada, e como segue:

I. Em toda a distância de 4 léguas, num pedaço de até uma légua e 1/2 légua de profundidade, estabelecer um núcleo de colonização e abrigo para os viajantes.

II. Nos intervalos destes núcleos, num pedaço até uma légua de comprimento e de profundidade a cada lado da estrada, podem ser divididas em 6 lotes de 500 braças, mas de tal forma que entre os lotes comprados fique sempre lotes do mesmo formato ao dispor do governo.

III. As terras ao lado e entre as compradas, serão vendidas em proveito do governo, enquanto as outras cessões de terras revertirão em benefício de Dr. Blumenau. Ambos de acordo com o regulamento de 30 de janeiro e 8 de maio de 1854.

Artigo IX — Pelo espaço de 10 anos se concede ao Dr. Blumenau todos os direitos semelhantes para a Colônia junto ao Itajaí, de acordo com o decreto 537 de 15 de maio de 1850, como o da Colônia Dona Francisca, considerando as cláusulas e restrições que contém. Estas restrições se referem à autoridade so-

MAJU Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

bre navios que transportam imigrantes e carvão porque o mesmo está sujeito ao desembarque num porto onde haja aduana.

Rerefente ao pagamento de tarifa alfandegária, sua liberação e favorecimento ainda depende da licença do órgão legislativo.

Artigo X — O empréstimo a que se refere o artigo I, sobre a soma de 10 contos de réis, feito ao Dr. Blumenau em 21 de fevereiro de 1851 deverá ser restituído através de prêmios, os quais o governo imperial se compromete a pagar por cada imigrante a se estabelecer no Itajaí, isto é 30 mil réis por cada colono acima e 10 abaixo de 45 anos e 20 mil réis por cada pessoa acima de 45 anos e abaixo de 10 anos. Estes prêmios são concedidos para a soma de 400 colonos e tão logo esta soma seja alcançada, Dr. Blumenau será autorizado a receber na íntegra a importância restante.

Artigo XI — Se ao término de 10 anos a soma de 400 contos ainda não foi alcançada e que assim a soma acima citada não pode ser restituída através de prêmios, então se prolongará por mais dois anos o tempo estipulado.

Artigo XII — A cada seis meses Dr. Blumenau terá que apresentar uma lista especificada dos colonos estabelecidos no Itajaí ao governo imperial. O governo de outro lado, terá todo direito de controlar a exatidão destas listas, assim como o cumprimento de todos os artigos que aqui estão no contrato, em especial a construção de estradas.

Artigo XIII — Além dos acima mencionados colonos, Dr.

Blumenau se compromete aceitar na Colônia anualmente mais 100 colonos que cheguem ao Rio de Janeiro sem lugar fixo para se estabelecer, mas os quais o governo quer instalar no Itajaí.

Artigo XIV — Ao Dr. Blumenau é concedido o direito de angariar outras pessoas se assim c achar conveniente, porém sob a condição de que a direção da Colônia continuará em suas mãos até o término deste contrato, a não ser em caso de doença que o afastará temporariamente.

Em casos de força maior, como conflitos internos e guerras que impeçam a saída de navios dos portos na Alemanha ou a entrada nos portos no Brasil, a contratação de novos colonos, seu estabelecimento, desembarque, etc. influenciando negativamente no desenvolvimento da Colônia, este contrato, para a contratação de colonos, terá seu término ampliado além do tempo de interrupção por mais 6 meses.

Artigo XV — Em caso de não cumprimento dos itens do presente contrato, Dr. Blumenau terá que pagar a taxa de 4 contos. Fica ao governo, o direito de anular o presente contrato caso o empreendimento sofra o desaparecimento de seu diretor ou se em caso de outro motivo qualquer o projeto não possa ser levado adiante.

Artigo XVI — Para o pagamento das referidas taxas em dinheiro e o cumprimento fiel de todos os itens deste contrato por parte de Dr. Blumenau, fica como fiança, suas terras no Arroio das Velhas, no Itajaí, com todos seus benefícios feitos ou em andamento.

Ponte sobre o Ribeirão Garcia

(Blumenauer-Zeitung, ano 25, n.º 22, dia 2/06/1906)

“Novamente nos aproximamos dos festejos de Espírito Santo, que anualmente são comemorados pelos atiradores no “Schützeuhaus”. Este ano porém mais um acontecimento temos a registrar e de grande importância para nossa Colônia, a inauguração da ponte sobre o Ribeirão Garcia.

Temos igualmente a honra de contar com a visita do ilustre governador do Estado, Coronel Pereira e Oliveira, que tanto interesse demonstra em nosso município.

A idéia de substituir a velha ponte de madeira, por uma de ferro, partiu do senhor Dr. José Bonifácio da Cunha que aqui como Superintendente de nosso município, viu a necessidade de uma ponte melhor e mais segura para a nossa cidade, encontrou o mesmo na pessoa de Dr. Felipe Schmidt a pessoa mais interessada por este projeto e que foi assim logo iniciado.

Cs trabalhos iniciaram-se em meados de 1900 e progrediram bastante até 1901, foram neste ano suspensos e reiniciados em 1903.

O tempo de construção levou portanto até a presente data realmente 74 meses.

A direção técnica estava nas mãos competentes de nosso cidadão o respeitável engenheiro Heinrich Krohberger.

Publicado no mesmo jornal em homenagem à inauguração da ponte sobre a Ribeirão Garcia, no dia 3 de junho de 1906.

“Estiveram presentes à inauguração o governador do Estado Senhor Pereira e Oliveira, Karl Hjøepke, Germano Wendhansen, Sr. Lebon Régis, Santos Lostada, etc.

A ponte tinha:

Vão — 29 metros;

Largura total da ponte de ferro — 9 metros;

Largura para pedestre — 1,3 metros;

Altura com nível de água normal — 12,8 metros;

Comprimento da amurada — 15 metros;

Peso da ponte de ferro — 65.000 kg.

Foi projetada e construída por nosso prezado engenheiro Heinrich Krohberger.”

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

Fatos que envolveram a construção da ponte sobre o Rio do Testo

(Blumenauer-Zeitung, Ano 21, n.º 1, sábado, 4 de janeiro de 1902)

"A construção da ponte sobre o Rio do Testo em Badenfurt foi depois de ter sido desenhado e projetado pelo Sr. Krohberger, assumido e terminado pelo senhor Mariano Becker pelo preço de 13:300\$. A ponte tem 25 metros de comprimento e 5 metros de largura. Sua altura é de 7-8 metros sobre o nível normal da água. A mesma está coberta com placas de latão de ferro com liga de zinco e permite o movimento de grandes e pequenos meios de transportes. Presentes à inauguração estiveram os senhores Dr. Cunha e Krohberger.

Nós aqui, queremos expressar nossos sinceros agradecimentos ao Dr. Cunha por seu apoio na construção da nova estrada que finalmente está pronta.

Todos nós tínhamos que cooperar com 33 dias de trabalho e isto lembrando que aconteceu na época que mais era preciso pensar no nosso trabalho na lavoura.

Alguns senhores do "Volkswerein" trouxeram longos artigos a respeito acusando mesmo o Dr. Cunha de prevalecer-se do povo porque perdemos o 34.º dia de trabalho e tivemos que nos retratar na Intendência de Indaial.

Nós convidamos estes senhores a percorrer conosco o velho e íngreme caminho, para depois continuar no suave declive do novo; assim esperamos conhecer a todos, como, não só para nós pois esta estrada era difícil e tornou-se uma necessidade, mas também para os 60 pés pequenos que percorrem esta via para chegar à escola. Estes também representam uma parte do povo, mesmo que ainda seja uma geração em formação.

Também estes pequenos exclamam um Viva ao Dr. Cunha de todo coração.

Os colonos, para os quais o "Volkverein" clamou em tão viva voz e que se acharam prejudicados com a estrada, são os primeiros que a utilizam no transporte de madeira.

Onde fica o bem-estar do povo?

Ribeirão Dona Clara, dezembro de 1901.

ass.: Wilhelm Zumach — Albert Brandt — Friedrich Zumach — August Klitzke — Hermann Zumach — Wilhelm Schmidt — Ernst Kanherg — Franz Brandt — August Hochleituer — Johann Millex."

LOJAS HERING S.A.

Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

COMO ERA O ANTIGO "BIER GARDEN" DA PRAÇA HERCÍLIO LUZ

Entrevista realizada com o Sr. Leopold Neitzel

Suely M. V. Petry

Natural da região de Fidelis, Blumenau, Leopold Neitzel nasceu no dia 12 de outubro de 1898. Seus estudos foram realizados na Escola Particular Alemã de Fidelis. Foi aluno do Prof. Hermann Lang. Casou aos 36 anos com Ella Weise. Deste consórcio tiveram uma filha.

Alfaiate de profissão, foi aprendiz de Leopold Laux o qual mantinha uma alfaiataria muito conceituada na Rua XV de Novembro. Aos 20 anos transferiu-se para Joinville, onde conseguiu emprego na Alfaiataria Torrens. Lembra Leopold Neitzel que naquela época, viajar era uma verdadeira odisséia, impossibilitado de pagar um carro de aluguel (táxi) que o levasse até Jaraguá do Sul, para pegar o trem que o conduziria a Joinville, fez este trajeto a pé. Após permanecer por um período de 7 anos naquela cidade, retornou a Blumenau onde passou a exercer sua profissão com segurança. Abriu uma alfaiataria na esquina da Rua das Palmeiras, frente à antiga Ferraria Kielwagen. Sua especialidade na confecção de roupas para pessoas obesas, garantiu-lhe uma clientela seleta. Durante dois anos trabalhou com 4 funcionários. O surgimento das confecções industrializadas enfraqueceu o seu ofício a tal ponto que se viu forçado a vender o empreendimento. Retornou a Joinville em busca de novo emprego. Nesta época eclo-

dia a Revolução de 30. Este fato impediu-o de trabalhar e viajar a São Bento do Sul, onde tinha emprego garantido. Sem dinheiro, voltou para Blumenau. Recomeçou sua vida trabalhando no ramo da alfaiataria.

Nas horas vagas trabalhou nas mais diversas profissões. Nos anos 38 a 40, trabalhou de garçon atendendo um convite que lhe havia feito o jardineiro responsável da Praça Hercílio Luz, Sr. Fabian. Este jardineiro explorava os serviços de bar do pavilhão na lateral daquela praça, aproximadamente uns dois metros atrás, onde hoje está edificado o Monumento dos Voluntários da Pátria. Lembra o Sr. Leopold Neitzel que o pavilhão era muito freqüentado pelos colonos que vinham do interior do município para vender seus produtos como ovos, manteiga, aipim, batata, melado, enfim, produtos que hoje encontramos nas feiras, mas naquela época eram vendidos de porta em porta, ou ainda por pessoas que vinham à Prefeitura pagar seus impostos e resolver seus problemas.

O pavilhão, segundo o Sr. Neitzel, tinha o formato redondo, aberto no andar superior e no inferior era utilizado para os serviços de bar. Neste bar servia-se café, doces, gasosa e outros. Lembra com saudosismo as marcas mais procuradas que eram as bebidas de Louis Probst, a cerveja

nacional de Otto J. Jensen — Hosang — E.G. Herrmann. No bar jogava-se baralho, fazia-se cervejadas entre amigos que ficavam muitas vezes, até altas horas da madrugada se confraternizando.

A parte superior do pavilhão era destinada a apresentação de retretas que alegravam o ambiente nos dias de festas cívicas e concertos públicos. Em outros momentos esta área era utilizada pelos frequentadores do bar que subiam ao pavimento superior para apreciar o movimento e tomar a sua cervejinha. Lembra o Sr. Leopold, que a praça era bem conservada. Os trabalhos de limpeza ficavam a cargo de um funcionário da Prefeitura que fora especialmente contratado para cuidar da ordem e limpeza da praça, diariamente. A praça era linda, com muitas árvores e canteiros que embelezavam o ambiente. Havia muito movimento, pois tudo se concentrava naquele local. Nos fundos, havia o Porto Fluvial, onde atracavam muitas lanchas que traziam mercadorias do Porto de Itajaí para Blumenau. O Vapor Blumenau e o rebocador Santa Catarina eram os maiores. Estes além do constante trans-

porte de mercadorias levavam e traziam passageiros. Destes, muitos faziam a sua parada obrigatória no pavilhão para tomar o seu café ou aguardar o vapor.

Construído nos idos de 1919, na gestão do governo de Paulo Zimmermann, conforme a resolução 121 de 16 de abril daquele ano. O pavilhão conforme nos disse a filha do Sr. Mathias Fabian de acordo com a fotografia que lhe mostramos já era uma segunda construção. A primeira era mais simples e não havia a parte superior. Após a ampliação feita no governo de Paulo Zimmermann este passou a ser explorado pelo Sr. Fabian que fez um contrato com a Prefeitura. Foi também o mesmo projetista da disposição do jardim. Era formado em ajardinagem na Alemanha e em nossa cidade responsável pelos trabalhos de embelezamento de vários jardins de residências dos grandes empresários. Lembra a filha que seu pai introduziu muitas árvores na praça. Discorda muito da nova dinâmica que se tem dado à mesma. O desativamento do Pavilhão ocorreu por volta de 1940 na gestão do Prefeito José Ferreira da Silva que não renovou o contrato.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

— DIA 7 — Um violento temporal se abateu sobre Blumenau, causando inúmeros estragos. Os ventos fortes que acompanhavam o temporal, descobriam casas, tendo as chuvas inundado ruas, envolvendo até automóveis que ficaram sob as águas. Árvores foram arrancadas e energia elétrica foi interrompida em diversos bairros. Muitas casas foram invadidas pelas águas que, sendo em volume impressionante, não encontraram escoamento imediato. O prefeito esteve visitando os estragos e os desabamentos de casas, para adotar as providências cabíveis.

* *

— DIA 9 — Pelo prefeito Dalto dos Reis, assessorado pelo Secretário de Turismo Antonio Pedro P. Nunes, foi promovida a solenidade de abertura da I Expo-Blumenau, ocupando todos os três pavilhões da PROEB.

* *

— DIA 9 — Anezo à I Expo-Blumenau, inaugurada neste dia pelo prefeito Dalto dos Reis, foi aberta uma exposição de livros de autores blumenauenses e do Vale do Itajaí, entre poetas e escritores, sob os auspícios da Associação Catarinense de Escritores, Seção de Blumenau.

* *

— DIA 10 — Neste dia a Assessoria Especial do Meio Ambiente da Prefeitura de Blumenau registrou os dez anos de sua criação, órgão municipal, que, sem dúvida, tem prestado assinalados serviços na preservação do meio ambiente.

* *

— DIA 13 — Em solenidade realizada no Rio de Janeiro, em comemoração ao cinquentenário da SPHAN — Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, foi oficializado o tombamento da cidade de São Francisco do Sul que também está registrando a passagem dos seus 482 anos de fundação.

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

UMA CARTA DE FRITZ MÜLLER PARA SUA IRMÃ,
PUBLICADA NO JORNAL "DER URWALDSBOTE",
EM 23 DE JULHO DE 1937

"Minha querida Rosinha:

Um calor fora do comum levou-me hoje mais cedo do que de costume (ainda são dez horas) para dentro de casa. Vou aproveitar estas horas de almoço e começar pelo menos uma carta para você.

Você ficará contente em saber que estou agora satisfeito com o país que escolhi para minha segunda Pátria e já estou acostumado ao novo hábito de viver aqui. No início, em nossa propriedade, sofremos uma série de dificuldades e privações da terra e não deixamos de ter momentos nos quais amaldiçoamos a nossa vinda. Desde a nossa chegada na floresta, em fins de agosto, o tempo estava feio e chuvoso. Muitas vezes por semana não podíamos deixar nosso barraco. O bolor e a ferrugem estragavam nossas roupas e ferramentas. O que tínhamos semeado apodrecia e as árvores cortadas não secavam; a época da sementeira estava passando sem que tivéssemos prontos para o plantio. Fomos obrigados a transferir tudo para o mês de fevereiro. Os alemães que aqui estão há mais de 20 anos, não lembram de um tempo tão úmido e chuvoso. Nos últimos dias de outubro veio com a chuva uma enchente como há anos não acontecia. Nosso Garcia elevou-se quase 20 pés acima de seu nível normal. Na minha colônia, onde a terra eleva-se abruptamente da margem do rio, não foi causado nenhum estrago. Nas

terras de August a maior parte da roça (como se diz aqui) ficou debaixo d'água e coberta por lama. A madeira ficou imprestável, galhos e ramos molhados não serviam nem mais para fazer fogo. Todo o terreno precisa de grande esforço e tempo para prepará-lo novamente. Pior ainda ficaram os colonos que moram mais adiante da nossa propriedade. O que eles tinham construído em local muito baixo, os seus barracos, ficaram submersos; perderam muitas coisas ou estas se estragaram.

A esta calamidade de águas caudalosas vindas do alto das montanhas e que fizeram com que o nosso Garcia se tornasse intransitável via canoa, a tudo isto juntou-se a fome.

Depois deste tempo molhado veio o calor enorme. Em fins de novembro tivemos algumas vezes 29 graus Rezumur na sombra. Nós tínhamos que derrubar árvores justamente nestes dias de calor e suávamos como nunca antes. Quando estive certa vez trabalhando no corte de um tronco, o suor corria por nosso corpo em verdadeiras cascatas. Este calor nos abatia mais do que a umidade e já recebávamos não poder trabalhar nos próximos meses de janeiro e fevereiro. Felizmente este receio não concretizou-se. O calor até agora é suportável e todos dizem que esta canícula agora é fora do comum.

Nestes dias quentes tivemos também algumas tempestades, de uma violência tão grande e desco-

nhecida para nós europeus; raio após raio caía e trovão após trovão soava estrondoso, sacudindo as palmeiras em frente ao nosso barraco. O estrondo de árvores caindo na floresta alcançava nossos ouvidos. Além das tempestades e o calor, tivemos outro mal a enfrentar: a invasão dos insetos. Verdadeira praga tornaram-se os mosquitos e quase impossível de suportar, mas semelhantes aos da Alemanha.

Quando estávamos na floresta, em pouco tempo uma nuvem negra de insetos nos sondava. Algumas vezes abandonamos o trabalho e nos recolhemos à casa. Nossa pobre Anna estava toda pintada, como se tivesse sarampo. Mas agora diminuíram bastante e os poucos que restam podemos suportar.

A tudo isto ainda juntou-se a carestia de todos os gêneros alimentícios, de farinha (que aqui substitui o pão) e da carne seca. A última, por várias vezes foi impossível conseguir e quando veio estava estragada e impossível de comer. Por meio quilo de carne seca pagamos 6 vinténs, um saco de batatas (quase não se consegue) custa 2 mil réis; o saco de farinha 11 patacas e feijão 8 até 10 mil réis.

Os perigos que aqui nos esperam são lembrados a todo momento. Um de nossos colonos, um jovem e simpático moço de 20 anos, morreu afogado no rio Itajaí a 21 de dezembro. Com seu sogro e mais dois alemães, ele ia com sua canoa para uma propriedade não distante da nossa. Dali seguiu sozinho até um vizinho para levar uma carta recém chegada da Alemanha. Depois de es-

perar longo tempo por seu regresso, seus companheiros viram passar a canoa sozinha, ele tinha caído no rio. Ele era o melhor canoeiro entre os alemães daqui. É muito fácil uma canoa tão leve e estreita virar e é preciso saber manejá-la. Portanto, o importante aqui é saber nadar. Eu quero que minha esposa também aprenda a nadar.

Pouco tempo depois fomos surpreendidos por um outro acontecimento: os bugres (como aqui são chamados os selvagens), fizeram a 8 de dezembro um ataque à Colônia Blumenau, no bairro da Velha, nem meia hora distante de onde moramos. Eles haviam visto de manhã duas vezes partir uma canoa com homens, que dirigiram-se para o meio do rio onde mais facilmente a correnteza os levava, mas não viram a volta dos mesmos junto à margem do rio. Como também era meio-dia, não viram os colonos que estavam em casa ocupados com a limpeza de suas espingardas. Acreditando estarem as casas vazias, aproximaram-se. Quando as 3 horas da tarde o colono S. saiu de sua casa, notou a presença de alguns selvagens, não muito distantes. Ele deu alguns passos em sua direção e colocou a arma no chão em sinal de paz, abanando para que se aproximassem. Pararam primeiro observando, mas logo com enorme gritaria começaram o ataque. O outro colono T., atraído, pela gritaria, veio correndo atirando para o ar. Enviaram logo a esposa de um dos colonos para o Garcia, a fim de procurar abrigo e possível ajuda. Os dois colonos refugiaram-se numa das cabanas. Os bugres vie-

ram com gritaria e atirando suas setas para dentro das diversas dependências da outra casa. Depois começou o saque. Alguns penetraram na salinha de Blumenau (que viajou para Desterro) e S. já ouviu eles quebrarem o armário. Um bugre que também quis entrar na sala foi alvo de um tiro. Gritando, atirou longe seu arco e flechas e fugiu; os outros abandonaram as armas, correndo do local. Mais alguns tiros foram disparados para assustar, e um selvagem foi morto. Na manhã seguinte, encontraram agonizante, no mato, o selvagem ferido. Eu o vi. Ele não era feio, mesmo que os lábios e nariz eram um pouco grossos. É mais bonito que muitos brasileiros e bem mais do que os negros. Os cabelos pretos lisos, cortados curtos; faltavam-lhe as sobrancelhas e barba; no lábio inferior tinha um "Potok" (pedaço de madeira). As setas eram de confecção muito primitiva de bambu, e enfeitadas com penas de Jacu. Entre as 8 setas encontradas tinha uma com ponta de ferro.

Depois do ataque dos bugres, foram naturalmente limpas e preparadas as armas, para qualquer eventualidade. Nos primeiros dias, com o mover de qualquer folha de palmeira já ficava-se alarmado, mas nada mais aconteceu.

Mesmo que os primeiros tempos todos os contratemplos pudessem fazer com que desgostássemos desta linda terra, é só preciso ir até onde moram os outros alemães para adquirir novo ânimo.

Quando uma família, que co-

meçou há apenas 4 anos (mesmo que tenha bastante pessoas para trabalhar) já este ano preparou açúcar para 1.000 thaler, tem gado com fartura, plantação de bananas e laranjas, então precisamos convencer-nos que a terra é boa e que com trabalho e perseverança podemos construir um pequeno paraíso.

Você certamente vai perguntar, como é que se pode ser feliz e contente, trabalhando tão arduamente e vivendo tão primitivamente. Mas se você pudesse ver agora este pedaço de chão limpo da floresta que era primeiro, compreenderia o que sentimos.

Eu me sinto tão bem aqui na floresta, que mesmo aos domingos dificilmente saio deste lugar. Somente em ocasião muito especial ausento-me daqui. Apenas quando nosso estoque de alimentos precisa ser renovado é que precisamos carregar nas costas por mais de meia hora, porque infelizmente com o nível normal de água, o Garcia não é transitável com canoa.

Uma vez fiz uma longa viagem pelo rio Itajaí para comprar um porco. Encontrando um, pequeno e gordo, de cerca de 60 libras por 6 mil réis, mas tivemos que carregá-lo nas costas até em casa.

Várias vezes fui chamado à cabeceira de doentes e também viajava rio abaixo, porque em todo Itajaí não existe médico.

Ano Novo, nós e August com sua esposa, fomos para a propriedade de Blumenau, na Velha, tomar uma xícara de Chocolate.

Ainda preciso contar-lhe que sofri um pequeno acidente quan-

do August e eu estávamos derrubando árvores. Uma me atingiu levemente na cabeça, desmaiei por alguns minutos e sentia dores de cabeça por alguns dias, mas agora já estou bem.

É preciso em verdade ter muito cuidado quando se trabalha na floresta; todo cuidado é pouco.

Por hoje termino e receba um abraço deste seu irmão
Fritz Müller."

POETA DE POMERODE DESVELA O ABSURDO SURREAL DO REAL

Pomerode também tem seu poeta. Além das capitais e dos centros urbanos maiores, as pequenas cidades provincianas estão promovendo a defesa e aprimoramento de suas manifestações culturais. Com o apoio da Prefeitura e numa co-edição da Gráfica 43 S.A. e Fundação "Casa Dr. Blumenau", surge o primeiro livro de poemas de um escritor de Pomerode: Irênê Voigtlaender estréia com o livro **BEMENTES E DE MITOS**.

O volume contém poemas, crônicas e fotografias, com predominância dos primeiros. A criação poética de Voigtlaender assume um constante caráter analítico-filosófico e se manifesta dentro de franco surrealismo. A linguagem torna-se bastante elíptica, descontínua, focalizando o fragmentário caótico, dentro de uma consciente cosmovisão denunciante.

Mas esse surreal caótico apóia-se numa base justificativa muito drástica. As imagens dos versos seguintes podem denotar uma visão surreal:

"A bordo de um abutre mecânico;

Sobre aquela aldeia, toneladas de ex-
[plosivos.

Nossa estratégia: os misseis pesti-
[das" (p. 8)

No entanto, se abrímos os olhos para a realidade existencial circundante, obteremos uma caótica, dilacerante e aló-gica visão do mundo, bem mais irracional e "surreal" do que a de poetas e pintores.

E os poemas de Voigtlaender procuram focalizar as deformantes aberrações que, no cotidiano, nos parecem às vezes tão naturais dentro da civilização que se quer racional. Hipocrisias, mentiras, falsificações, neuroses, arbitrariedades são criadas constantemente pela fértil imaginação do homem em sua ganância irrefreável. E este acaba tudo deformando, bem mais que a expressão estética do surrealis-

mo. Máscaras bem ajustadas acabam enquadrando e condicionando tudo dentro do figurino conveniente, mesmo que a realidade esteja às avessas.

A poesia filosófico-social de Irênê Voigtlaender busca resgatar nossa consciência pessoal, a consciência do ser, a consciência do humano, a consciência que ainda anseia por uma escala de valores, tão surrealmente degradada pela civilização contemporânea. Em meio a tão surreal irracionalidade, institucionalizada, onde encontrar ainda a liberdade, a auto-determinação, condições para a construção serena de um destino pessoal? Insinuando frequentemente o contraste entre a natureza e a tecnologia, os poemas denunciam como as neuroses dos tempos tecnológicos, mecânicos, poluidores, constituem atentados múltiplos à ecologia e sanidade, afetando radicalmente a condição humana. O ser humano vem sempre mais impiedosamente deformando seu espaço existencial, sua paisagem, seu meio de convivência, seu modo de vida, sua imagem pessoal e seu próprio caráter íntimo. E que mundo resultará de tudo isso? O enfoque fragmentário-surreal dos poemas de Voigtlaender pretende conduzir a uma reflexão sobre o assunto.

Por exemplo, o poema "Hiroxima ou Nagazáqui" (p. 14), evidenciando como a realidade concreta está tão distante do sonho-aspiração, projeta-se como uma espécie de ilimitada "Guernica", um painel abrangente das aberrações irracionais da era contemporânea. Ou então, lembrando Vilson Nascimento, conhecido poeta surrealista, em "Esses finados de acordar" (p. 19), a surrealidade contundente sobrepuja de muito o simples humor ou ironia. Em meio a tudo isso, destaca o poeta a ação inexorável do tempo em seu fluir e transformar.

Nesses poemas que conduzem à

tomada de consciência, os períodos e orações, na sua fragmentação justaposta, permanecem muitas vezes incompletos e em suspense, como a própria vida e realidade estão perplexas e em ansiosa expectativa diante dos gestos absurdos (veja-se por exemplo p. 10 ou 11).

No entanto, insinua-se posteriormente um outro conjunto de poemas, a partir de "A pequena semente". Trata-se de uma série sobre Pomerode — sua tradição, trabalho e organização, constituindo-se aqui como que um mundo à parte do anteriormente conotado. Focaliza "o germânico imigrante", decidido, lutador, trabalhador, de vontade resoluta, que aqui veio

"pomerir nas esquinas,
pomerar entre as ararutas,
pomerodar nas nossas bicicletas"

(p. 22),

desenvolvendo lavoura e indústria, para fazer corporificar-se, ao longo do Rio do Testo (p. 25) e ao lado dos "Sinos da minha igreja" (p. 26), de múltiplas conotações, a cidade e sua gente, glorificados num solene "Hino ao homem pomerano" (p. 46).

Finalmente observa-se que o poeta Voigtlaender se pautava por uma versificação totalmente livre, com tendên-

cia ao verso longo, mais discursivo, despreocupado mesmo com o próprio verso, podendo este deixar de verter-se, para se alongar por várias linhas. A linguagem assume-se altamente codificada, poética, de imagística plurissignificativa, por vezes até complexa e hermética, exigindo esforço para lenta decodificação.

Indo de certa forma de encontro ao título do livro, Irenêu Voigtlaender nos faz constatar e refletir sobre as miragens dos "mitos" tão absurdamente cultivados e atraentes dentro da civilização contemporânea, mitos que reduzem as pessoas a estados tão surrealmente "dementes", apesar de vivermos no melhor dos mundos e no mais desenvolvido dos tempos!

DEMENTES E DE MITOS revela um poeta. Mesmo que o trabalho sobre a expressão e a comunicação necessite prosseguir sempre, Irenêu Voigtlaender comprova sensibilidade perceptiva, inteligência analítica e uma visão consciente sobre o homem no mundo. E seu poema constitui contribuição construtiva para a valorização da condição humana num universo e sociedade por vezes tão degradados.

LAURO JUNKES

COLECIONADOR ENVIA NEGATIVO SOBRE IGREJA CATÓLICA AO ARQUIVO HISTÓRICO

O Arquivo Histórico "Professor José Ferreira da Silva", mantido pela Fundação "Casa Dr. Blumenau", recebeu uma doação de um colecionador residente em Campinas, São Paulo. É um negativo fotográfico feito sobre um vidro de cristal, contendo uma vista da antiga Igreja Católica do Centro, com o Colégio Franciscano e o rio Itajaí-açu.

A relíquia foi enviada por Venceslau Muniz Filho, que diz em sua carta, que o negativo foi tirado e processado quimicamente por frei Miguel Witte, antigo professor e diretor do Museu de História Natural do Seminário Seráfico São Luiz de Tolosa, de Rio Negro, Paraná.

"Essa peça estava entre um material fotográfico que acabei ganhando do padre diretor desse seminário, que foi extinto entre 1971/72", relata o colecionador. Ele disse também que o frei Miguel foi um grande cientista, autor de várias pesquisas, especialmente sobre radiestesia, com trabalhos reconhecidos internacionalmente, sendo, portanto, o autor do negativo.

O negativo em vidro, muito raro hoje em dia, deve ter sido tirado no princípio do século, porque ainda se vê a torre da igreja matriz. Já para o colecionador o negativo é do fim da década de 1910, época em que o seminário mudou-se para Rio Negro.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Seára Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA